

JOJO MOYES

UM MAIS UM
A FÓRMULA DA FELICIDADE

Tradução de

Ana Maria Chaves e Márcia Montenegro

1

JESS

A ironia de ter perdido a sua melhor casa por causa de um diamante não passou despercebida a Jessica Thomas. Não por o ter roubado, mas por não o ter feito.

Jess e Nathalie limpavam a casa de férias de Mr. e Mrs. Ritter há quase três anos, desde que o condomínio Beachfront Holiday Park era parte paraíso, parte estaleiro de construção. Na altura em que os empreendedores prometeram às famílias locais o acesso à piscina e asseguraram a toda a população que um empreendimento de luxo traria benefícios à sua pequena cidade costeira em vez de lhe sugar a vida que lhe restava. Os Ritters eram uns residentes normais. Vinham de Londres com os filhos a maior parte dos fins de semana. Geralmente, Mrs. Ritter ficava lá todo o tempo de férias, enquanto o marido permanecia na cidade. Passavam a maior parte do tempo na zona mais bem cuidada da praia e só iam à cidade para abastecer a carrinha de gasóleo ou a despensa no centro comercial. Jess e Nathalie limpavam a espaçosa casa de quatro quartos, pintada com tintas *Farrow-&-Ball*, duas vezes por semana, quando eles lá estavam, e uma vez por semana, quando não estavam.

Era abril e, a julgar pelos pacotes de sumo vazios e pelas toalhas molhadas, os Ritters estavam lá. Nathalie estava a limpar a casa de banho do quarto e Jess a mudar a roupa das camas, cantarolando ao som do rádio que as acompanhava sempre no trabalho, quando, ao retirar a capa do edredão, ouviu um som que parecia o estampido de uma espingarda de pressão de ar. Vivendo onde vivia, conhecia muito

bem esse som, mas era capaz de apostar que não havia espingardas em Beachfront.

O seu olhar foi atraído por algo a reluzir no chão, junto à janela. Baixou-se e agarrou um brinco de diamante entre o polegar e o indicador. Observou-o à luz e depois dirigiu-se para a porta ao lado, onde Nathalie estava de joelhos a esfregar a banheira, já com as tiras do sutiã escuras de suor. Estava a ser uma longa manhã.

– Olha.

Nathalie levantou-se e semicerrou os olhos.

– O que é isso?

– Um diamante. Caiu da roupa da cama.

– Não pode ser verdadeiro. Olha para o tamanho dele.

Olharam as duas para o brinco, enquanto Jess o ia rodando entre os dedos.

– A Lisa Ritter não ia ter diamantes falsos. Não com todo o dinheiro que eles têm. Não são os diamantes que conseguem cortar vidro? – perguntou ela, passando-o pela esquadria da janela.

– Boa ideia, Jess. Continua a tentar até a janela cair. – Nathalie levantou-se e passou o pano na água da torneira. – O mais importante é saber onde está o outro.

Sacudiram os lençóis, espreitaram para debaixo da cama e, de gatas, examinaram minuciosamente o pelo espesso e alto da alcatifa bege, como polícias no local de um crime. Por fim, Jess olhou para o relógio. Entreolharam-se e suspiraram.

Um brinco. Um autêntico pesadelo.

Quantas coisas já tinham encontrado ao limpar as casas das outras pessoas:

- . Dentaduras postiças
- . Um porquinho-da-índia que tinha fugido
- . Uma aliança há muito perdida (receberam em troca uma caixa de bombons)
- . Uma fotografia de Cliff Richard, assinada (nada de bombons; a proprietária negou ter algo a ver com isso)
- . Dinheiro. Não meros trocos, mas uma carteira azul-turquesa cheia de notas de cinquenta libras. Tinha caído para

trás de uma cómoda. Quando Jess a entregou à cliente – uma tal Mrs. Linder, que tinha arrendado o número quatro do Beachfront durante os três meses de verão – ela olhara-a com alguma surpresa. «Estava a pensar onde se teria metido» dissera, metendo-a no bolso sem olhar, como se fosse um travessão do cabelo ou o comando da televisão.

À exceção dos porquinhos-da-índia, encontrar coisas de valor não era tão extraordinário como se poderia pensar. Se fosse um brinco ou um monte de notas, os clientes lançavam-lhes aquele olhar vago, de soslaio, de quem está a pensar se não teriam metido o resto ao bolso. Mr. Ritter iria com certeza pensar que elas tinham ficado com o outro brinco. Era o tipo de homem que já as fazia sentir culpadas só por estarem na casa dele, isso nos dias em que ele se dignava reconhecer que elas lá estavam.

– Então, o que fazemos?

Nathalie estava a embrulhar a capa do edredão para a levar para lavar.

– Deixa isso aí. Depois escrevemos um bilhete a dizer que não conseguimos encontrar o outro. – Normalmente deixavam um ou dois bilhetes a dizer o que tinham feito. Ou um bilhete bem-educado a lembrar o pagamento. – É a verdade.

– Achas que devemos dizer que sacudimos bem toda a roupa da cama?

– Diz o que quiseres. Só não quero que ela pense que ficámos com ele.

Jess acabou de escrever o bilhete e colocou o brinco com muito cuidado em cima do papel.

– Talvez a Mrs. Ritter já tenha o outro. Talvez até fique contente por termos encontrado este.

Nathalie fez aquela expressão de quem achava que Jess até era capaz de ver o lado bom de um apocalipse nuclear.

– Pessoalmente, acho que teria dado por ele se tivesse um diamante do tamanho de um globo ocular na minha cama – disse ela, colocando a roupa suja no chão do lado de fora do quarto. – Pronto.

Tu aspiras e eu mudo a cama dos miúdos. Se nos despacharmos, podemos estar nos Gordons às onze e meia.

Nathalie Benson e Jessica Thomas faziam limpeza juntas há quatro anos, todos os dias úteis. Tinham uma empresa de limpezas com um nome algo insípido – Serviços de Limpeza Benson & Thomas escrito no painel lateral da pequena carrinha branca. Nathalie tinha acrescentado «Está sujo? Podemos ajudar?» dois meses depois de Jess ter chamado a atenção para o facto de metade das chamadas que recebiam não terem nada que ver com limpezas.

Neste momento, quase todas as casas que tinham de limpar eram no Beachfront. Na cidade quase ninguém tinha dinheiro – ou vontade – para contratar uma empregada de limpeza, à exceção dos médicos, do procurador e de raros clientes como Mrs. Humphrey, cuja artrite a impedia de fazer a própria limpeza. Era uma daquelas senhoras idosas que acreditavam que limpeza era sinónimo de pureza de alma, sendo o mérito da sua vida medido antes de mais pelas cortinas engomadas e uma soleira da porta acabada de esfregar. Às vezes desconfiavam até que eram as únicas pessoas com quem ela falava. Às quartas-feiras trabalhavam em casa de Mrs. Humphrey depois de limparem no Beachfront a casa dos Ritters e dos Gordons e, com sorte, quaisquer outras casas de férias que as empresas de limpeza habituais não tivessem podido limpar.

Jess estava a arrastar o aspirador ao longo do corredor quando a porta da frente se abriu e Mrs. Ritter disse para o cimo das escadas:

– São vocês, meninas?

Era o tipo de mulher para quem todas as mulheres eram «meninas», mesmo as que já estavam reformadas. «No sábado tive a melhor noite de meninas de sempre» costumava ela dizer, revirando os olhos de malandrice. Ou então: «E lá fui, ao quatinho das meninas...», mas elas gostavam dela. Era sempre simpática e não ostentava o dinheiro que tinha. E nunca as tratava como empregadas de limpeza.

Nathalie e Jess entreolharam-se. Estava a ser uma longa manhã: já tinham limpado dois fornos (que tipo de pessoa assa carne de porco nas férias?) e o chá de Mrs. Humphrey costumava ser pouco convidativo.

Dez minutos depois, estavam sentadas à mesa da cozinha, com Lisa Ritter a empurrar um prato de bolachas na direção delas.

– Vá lá, tirem uma. Se as comerem, eu já não caio na tentação – disse ela, apertando um pneu inexistente à volta da cintura. Nathalie e Jess nunca conseguiam concluir se ela teria feito algum tratamento. Era aquele tipo de mulher que pairava algures na faixa indefinida e bem cuidada entre os quarenta e os sessenta e tal. Tinha cabelo castanho pintado, suavemente ondulado, jogava ténis três vezes por semana, fazia Pilates com um professor particular e Nathalie conhecia alguém no cabeleireiro que afirmava que lhe faziam depilação completa de quatro em quatro semanas.

– Como está o seu Martin?

– Vivo. Tanto quanto sei – respondeu Nathalie.

– Ah, pois. – Meneou a cabeça, recordando. – Já me tinha dito. Em busca de si mesmo, não era?

– Isso mesmo.

– Seria de esperar que, por esta altura, ele já se tivesse encontrado. Tinha muito para encontrar. – Mrs. Ritter fez uma pausa e lançou a Jess um sorriso cúmplice. – E a sua menina, sempre agarrada ao livro de Matemática?

– Sempre.

– Oh, que bons meninos, os seus. Algumas destas mães daqui, juro que não sabem o que os filhos fazem de manhã à noite. No outro dia, aquele Jason Fisher e os amigos estavam a atirar ovos à janela do Dennis Grover. Ovos! – Era difícil perceber pelo tom de voz se estava mais chocada com o ato em si ou com o desperdício de comida.

Estava a meio de uma história sobre a sua manicura e um cão pequeno e incontinente, parando constantemente, perdida de riso, quando Nathalie pegou no telemóvel.

– A Mrs. Humphrey tentou telefonar – disse ela, empurrando a cadeira para trás. – É melhor irmo-nos embora. – E, deslizando do banco, foi ao corredor buscar a caixa do material de limpeza.

– Bem, a casa está fantástica. Obrigada às duas – disse Mrs. Ritter, ajeitando o cabelo com a mão, momentaneamente perdida em pensamentos. – Ah, antes de irem... Jess, não se importava de me dar uma ajuda com uma coisa?

A maior parte das clientes sabia que Jess era boa em coisas práticas. Era raro o dia em que não lhe pedissem ajuda para encher alguma coisa com argamassa ou pendurar quadros, trabalhos que as pessoas garantiam que só iam demorar uns cinco minutos. Jess não se importava.

– Mas se for para demorar talvez tenha de vir noutra altura – disse ela. *E cobrar*, pensou.

– Ah, não – disse Lisa Ritter, dirigindo-se para a porta das traceiras. – Só preciso que alguém me dê uma ajuda com a mala de viagem. Dei um jeito no avião e preciso que alguém me ajude a levá-la para cima.

– Avião?

– Fui visitar a minha irmã a Maiorca. Bem, agora que os meus filhos estão na universidade, tenho imenso tempo para mim, não é? Achei que seria bom tirar umas miniférias. Deixei o Simon sozinho, coitado.

– E quando foi que regressou?

Ela olhou para Jess, inexpressiva.

– Viu-me chegar! Agora mesmo!

Jess demorou ainda uns segundos a perceber. E ainda bem que Mrs. Ritter já tinha saído lá para fora, para o sol, porque Jess sentia realmente a cor a esvaír-se-lhe das faces.

Esse era o problema da limpeza. Por um lado, era um bom emprego – se não nos importássemos com as nódoas dos outros nem de tirar montes de cabelos das outras pessoas dos ralos (ela não se importava, por incrível que parecesse). Jess nem sequer se importava que a maioria daqueles que arrendavam casas de férias parecessem sentir-se obrigados a viver como porcos a semana inteira, numa desarrumação que não admitiriam na sua própria casa, só por saberem que a empregada de limpeza viria a seguir. Este trabalho permitia-lhe ser autónoma, organizar os próprios horários e poder escolher os clientes nas alturas boas.

O lado negativo, por mais estranho que parecesse, não eram os clientes nojentos (e havia sempre, pelo menos, um cliente nojento) nem o lixo nem o facto de acabar por se sentir um degrau abaixo do

que tinha planeado para a sua vida por ter de limpar a casa de banho dos outros. Não era sequer a constante ameaça das empresas da concorrência, os panfletos deixados à porta de casa dos seus clientes e as promessas de preços mais baixos. Era acabar por descobrir muito mais acerca da vida dos outros do que gostaria.

Jess poderia revelar o vício secreto das compras de Mrs. Eldridge: os recibos dos sapatos de marca que ela deitava para o caixote do lixo da casa de banho e os sacos de roupa por usar que guardava no roupeiro, ainda com as etiquetas. Podia revelar que Lena Thompson andava há quatro anos a tentar engravidar e fazia dois testes de gravidez por mês. Podia revelar que Mr. Mitchell, da casa grande que ficava atrás da igreja, ganhava um salário de seis dígitos (ele deixava os recibos do vencimento em cima da mesa da entrada; Nathalie tinha a certeza de que o fazia de propósito) e que a filha dele fumava às escondidas na casa de banho e alinhava as beatas em filas bem definidas no peitoril da janela.

Se tivesse essa tendência, podia falar das mulheres que saíam à rua impecáveis, cabelo perfeito, unhas pintadas, levemente perfumadas com fragrâncias caras, mas que não se importavam de deixar as cuecas sujas no chão à vista de todos; ou dos adolescentes em cujas toalhas retesadas ela se recusava a pegar sem uma pinça. Havia ainda os casais que dormiam todas as noites em camas separadas, com as mulheres a asseverar alegremente que tinham recebido «imensos convidados ultimamente» quando lhe pediam que mudasse a roupa da cama do quarto de hóspedes, e as casas de banho onde era preciso entrar com uma máscara de gás e colocar um aviso de perigo de SUBSTÂNCIAS TÓXICAS.

E de vez em quando lá conseguiam arranjar uma cliente simpática, como Lisa Ritter, a quem iam aspirar a casa e acabavam por sair de lá a saber um monte de coisas que preferiam ignorar.

Jess viu Nathalie sair com a caixa do material de limpeza debaixo do braço e viu com uma clareza assustadora o que se iria passar a seguir. Viu a cama do andar de cima, imaculadamente feita com roupa lavada, a superfície encerada do toucador de Mrs. Ritter, as almofadas cuidadosamente colocadas no pequeno sofá junto à janela.

E viu aquele diamante, pousado sobre o bilhete escrito à mão deixado em cima da cómoda, como uma granada de mão minúscula e cintilante.

– Ouve – disse Jess, ao passar por Nathalie já com a mala na mão –, posso dar-te uma palavrinha, Nat? – tentando trocar olhares com ela. Mas Nathalie estava ocupada a admirar os sapatos de Mrs. Ritter.

– Adoro as suas sabrinhas – disse ela.

– Gosta, Nathalie? Comprei-as enquanto estava fora. Foram uma autêntica pechincha.

– A Mrs. Ritter esteve em Espanha, Nat – disse Jess com ênfase, parando ao lado da colega. – *Numas miniférias.*

Nathalie olhou para ela e sorriu. Nada.

– Voltou *esta manhã.*

– Que bom – disse Nathalie, com um sorriso rasgado.

Jess sentia o pânico a apoderar-se dela como uma onda imparável.

– Sabe que mais, eu levo-lhe a mala para cima – disse Jess, passando por Mrs. Ritter.

– Não precisa de fazer isso!

– Não tem problema. – Jess não sabia se Lisa Ritter teria notado a sua expressão estranhíssima. Podia levar a mala para cima, pensou ela, ir até ao quarto, pegar no brinco, enfiá-lo no bolso e enfiar Nathalie no carro antes de ela ter tempo de dizer alguma coisa e, assim, Mrs. Ritter nunca ficaria a saber. Decidiriam depois o que fazer com o brinco.

Porém, no preciso momento em que saía veloz pela porta de trás, algo nela já sabia o que iria acontecer.

– Então, a Jess já lhe contou?

Jess ia a meio das escadas quando a voz de Nathalie irrompeu, nítida como uma campainha, pela janela aberta.

– Encontrámos um dos seus brincos. Pensámos que talvez tivesse o outro posto.

– Brincos? – perguntou Mrs. Ritter.

– De diamante. Acho que o engaste é de platina. Caiu da roupa da cama. Que sorte não ter sido aspirado.

Seguiu-se um breve silêncio.

Jess fechou os olhos e ficou imóvel nas escadas, à espera, enquanto as palavras inevitáveis subiam até si.

– Como é que eu ia saber que a Mrs. Ritter não tem as orelhas furadas?

Estavam as duas sentadas na carrinha, afundadas nos assentos. Nathalie estava a fumar. Tinha deixado o tabaco há seis semanas. Pela quarta vez.

– Não olho para as orelhas das pessoas. Tu olhas para as orelhas das pessoas?

– Acho que se deve ter enganado – dissera Lisa Ritter, com a voz ligeiramente trémula do esforço, ao pegar no brinco. – Provavelmente é da minha filha, da última vez que aqui esteve. Tem uns brincos iguaizinhos.

– Claro – disse Jess. – Provavelmente alguém o empurrou sem querer para aqui. Ou veio agarrado aos sapatos. Sabíamos que devia ter sido algo assim. – E nesse preciso momento, quando Mrs. Ritter lhe virou as costas, percebeu que seria o fim. Ninguém ficava grato a quem lhe trazia más notícias.

Ninguém queria uma empregada de limpeza que conhecesse os podres da família.

– Oitenta libras por semana, garantidas. E subsídio de férias. – Nathalie soltou um grito repentino. – Raios a partam. Só gostava de encontrar a galdéria a quem pertence o maldito brinco e dar-lhe um valente murro por nos ter feito perder a nossa melhor casa.

– Talvez ela não soubesse que ele era casado.

– Ah, sabia sim. – Antes de conhecer Dean, Nathalie tinha passado dois anos com um homem que afinal não tinha apenas uma, mas duas famílias na outra ponta de Southampton. – Nenhum homem solteiro tem almofadas decorativas de cores combinadas em cima da cama.

– O Neil Brewster tem – disse Jess.

– A coleção de música do Neil Brewster é setenta e sete por cento Judy Garland e trinta e três por cento Pet Shop Boys.

– Olha, tu ouviste o que ela disse a semana passada, que passava mais facilmente sem a cabeleireira do que sem nós.

– Do que sem «empregadas de limpeza». O que é diferente. Para ela tanto se lhe dá que seja a gente ou a Limparrápido ou as Especialistas da Esfregona. – Nathalie abanou a cabeça. – Não. Para ela, a partir de agora, passaremos a ser sempre as empregadas de limpeza que sabem a verdade sobre o marido. Isso é importante para mulheres como ela. Vivem todas das aparências, não é?

A algumas casas de distância, Terry Blackstone emergiu de debaixo do capô do seu *Ford Focus*, um carro que não trabalhava há ano e meio, e espreitou para ver o que se passava à sua volta.

Jess apoiou os pés descalços no tabliê e enterrou a cabeça entre as mãos.

– Raios. Como é que vamos compensar este dinheiro, Nat? Era a nossa melhor casa.

– A casa estava imaculada. Basicamente era só o trabalho de puxar o lustro duas vezes por semana. – Nathalie olhou pela janela.

– E pagava-nos sempre a horas.

– E dava-nos coisas.

Aquele brinco de diamante não saía da cabeça de Jess. Porque não o tinham simplesmente ignorado? Teria sido bem melhor se uma delas o tivesse roubado.

– Pronto, ela vai-nos dispensar. Vamos mudar de assunto, Nat. Não me posso dar ao luxo de chorar antes de ir para o *pub*.

– Então, o Marty telefonou esta semana?

– Não estava a dizer para mudarmos para *esse* assunto.

– Bem, mas telefonou?

– Sim – suspirou Jess.

– Disse-te porque não tinha telefonado na semana passada? – perguntou Nathalie, tirando os pés de Jess de cima do tabliê.

– Não. – Jess conseguia senti-la a olhar para si. – E não, ele não mandou dinheiro nenhum.

– Oh, vá *lá*. Tens de pôr a Comissão de Proteção de Menores atrás dele. Não podes continuar assim. Ele devia mandar dinheiro para os filhos.

Era uma discussão antiga.

– Ele... ele ainda não está bem – disse Jess. – Não posso pressioná-lo ainda mais. Nem sequer conseguiu arranjar emprego.

– Bem, vais precisar desse dinheiro agora. Até encontrarmos outro trabalho como o da Lisa Ritter. Como está o Nicky?

– Oh, fui a casa do Jason Fisher falar com a mãe dele.

– Estás a brincar. Aquela mulher mete-me medo. Disse-te que ia obrigar o filho a deixar o Nicky em paz?

– Mais ou menos.

Nathalie ficou a olhar para Jess boquiaberta.

– Disse-me que se eu voltasse a pôr os pés lá em casa me dava um enxerto de porrada. A mim e aos meus... como é que ela disse?... a mim e aos meus «filhos esquisitoides». – Jess baixou o espelho do lado do passageiro e compôs o cabelo, prendendo-o novamente num rabo de cavalo. – Ah, e depois disse-me que o seu Jason não fazia mal a uma mosca.

– O costume.

– Não faz mal. Eu tinha o *Norman* comigo. E ele, bendito seja, deixou um monte enorme de cocó junto ao *Toyota* deles e eu, não sei como, esqueci-me de que tinha um saco plástico no bolso.

Jess voltou a pôr os pés em cima do tabliê.

Nathalie voltou a empurrá-los para baixo e limpou o tabliê com um pano húmido.

– Mas, falando a sério, Jess. Há quanto tempo se foi embora o Marty? Dois anos? Tens de retomar as rédeas. És jovem. Não podes ficar à espera de que ele decida o que fazer da vida dele – disse, fazendo uma careta.

– Retomar as rédeas. Soa bem.

– O Liam Stubbs gosta de ti. Podias perfeitamente tomar as rédeas desse.

– Qualquer par autêntico de cromossomas X podia tomar as rédeas do Liam Stubbs. – Jess fechou a janela. – Prefiro ler um livro. Além disso, os miúdos já tiveram perturbações suficientes na vida para nos pormos agora a brincar ao «vou apresentar-te um novo tio». Está bem? – Jess levantou os olhos para o céu e torceu o nariz. – Tenho de ir preparar o lanche e arranjar-me para ir para o *pub*. Mas antes vou fazer uma ronda de chamadas para ver se algum cliente precisa de algum serviço extra. E até pode ser que ela não nos dispense.

Nathalie desceu o vidro e soltou uma longa baforada de fumo.

– Claro, Dorothy. E o nosso próximo trabalho vai ser limpar a Cidade Esmeralda ao fundo da Estrada dos Tijolos Amarelos.

No número catorze da avenida Seacove ouvia-se o barulho de explosões longínquas. Recentemente, Tanzie calculara que Nicky, desde que tinha feito dezasseis anos, passava oitenta e oito por cento do seu tempo livre metido no quarto. Mas Jess não o podia censurar.

Pousou a caixa do material de limpeza no *hall*, pendurou o casaco, subiu as escadas, sentindo o habitual desânimo ante o estado puído da alcatifa, e empurrou a porta do quarto dele. Tinha os auscultadores postos e estava a disparar contra alguém; o cheiro a erva era suficientemente forte para a fazer cambalear.

– Nicky – disse ela, enquanto alguém explodia numa saraivada de balas. – Nicky. – Jess aproximou-se, tirou-lhe os auscultadores e, nesse momento, ele virou-se, momentaneamente confuso, como quem acaba de acordar. – Com que então, a trabalhar duro, não é?

– Pausa nos estudos.

Ela pegou num cinzeiro e mostrou-lho.

– Pensava que já te tinha avisado.

– É de ontem à noite. Não conseguia dormir.

– Dentro de casa não, Nicky. – Não valia a pena proibir completamente. Por ali, todos o faziam. E dizia a si mesma que tinha sorte por ele só ter começado aos quinze.

– A Tanzie já veio? – perguntou Jess, baixando-se para apanhar meias e canecas abandonadas pelo chão.

– Não. Ah, telefonaram da escola depois do almoço.

– O quê?

Ele teclou algo no computador e depois virou-se para ela.

– Não sei. Qualquer coisa sobre a escola.

Foi nesse momento que ela viu. Levantou-lhe uma madeixa de cabelo pintado de preto e ali estava: uma marca recente na maçã do rosto. Ele virou a cara.

– Estás bem?

Ele encolheu os ombros e desviou o olhar.

– Vieram atrás de ti outra vez?

– Estou bem.

– Porque não me telefonaste?

– Não tinha saldo – disse ele, reclinando-se e disparando uma granada virtual. O ecrã explodiu numa bola de chamas. – O número está em cima da mesa. Se for por minha causa, estive lá na sexta-feira. Só que eles não me devem ter visto. – Voltou a colocar os auscultadores e a concentrar-se no ecrã.

Nicky tinha vindo viver com Jess a tempo inteiro há oito anos. Era filho de Marty e de Della, uma mulher com quem ele tivera um breve relacionamento na adolescência. Tinha chegado silencioso e desconfiado, magro, esguio e com um apetite voraz. A mãe tinha-se envolvido com um grupo novo, acabando por desaparecer algures nas Midlands com um homem chamado Big Al, que nunca olhava ninguém nos olhos e em cuja manápula enorme andava sempre, como uma granada de mão, uma lata de cerveja *Tennents Extra*. Nicky tinha sido encontrado a dormir nos balneários da escola e, quando as assistentes sociais voltaram a telefonar, Jess disse-lhes que o podiam trazer para casa deles.

– É mesmo do que tu estás a precisar – dissera Nathalie. – Mais uma boca para alimentar.

– É meu enteado.

– Estiveste com ele duas vezes em quatro anos.

– Bem, é assim que as famílias são, hoje em dia. Já não existem apenas as famílias típicas.

Mais tarde, Jess perguntava-se algumas vezes se essa teria sido a gota de água; aquilo que tinha levado Marty a abdicar da responsabilidade para com a família. Mas Nicky era um bom miúdo, apesar daquela cabeleira preta e do lápis dos olhos. Era carinhoso com Tanzie e, nos dias bons, falava e ria e até deixava que Jess lhe desse um ou outro abraço embaraçoso. Jess estava contente por o ter consigo, mesmo que às vezes sentisse que, no fundo, tinha arranjado apenas mais uma pessoa com quem se preocupar.

Saiu para o jardim com o telefone na mão e respirou fundo, sentindo um nó de ansiedade no estômago.

– Hum... Sim? Fala Jessica Thomas. Deixaram-me uma mensagem para lhes telefonar.

Pausa.

– Se for por causa do Nicky, eu já estive a verificar a escala de estudo dele e ele disse-me que lhe deram autorização para estudar em casa e pensei que era assim que eles...

– Mrs. Thomas, eu telefonei por causa da Tanzie.

Um acesso de pânico. Jess baixou os olhos para o número, fixando-o mentalmente.

– Da Tanzie? Ela... ela está bem?

– Desculpe. Devia ter-lhe dito que sou Mr. Tsvangarai, o professor de Matemática da Tanzie.

– Ah. – Jess imaginou-o: um homem alto de fato cinzento e cara de diretor de uma funerária.

– Queria falar consigo, porque há umas semanas tive uma conversa muito interessante com um antigo colega meu que é professor agora no colégio St. Anne.

– St. Anne? – repetiu Jess, franzindo o sobrolho. – O colégio particular?

– Sim. Eles têm um programa de bolsas de estudo para crianças exceccionalmente dotadas em Matemática. E, como sabe, já tínhamos qualificado a Tanzie como Dotada e Talentosa.

– Por ela ser boa a Matemática.

– Ela é melhor do que boa. Bem, a semana passada já lhe fizemos um teste. Não sei se ela lhe contou? Eu enviei-lhe uma carta para casa, mas fiquei sem saber se a tinha lido.

Jess olhou para o céu de olhos semicerrados. As gaivotas andavam em círculos e faziam voos picados sobre o fundo cinzento. Alguns jardins mais abaixo, Terry Blackstone começava a cantar ao som de um rádio. Diziam que era capaz de cantar todo o repertório de Rod Stewart se achasse que ninguém o estava a ver.

– Recebemos os resultados esta manhã. E ela portou-se bem. Ex-tremamente bem. Mrs Thomas, se estiver de acordo, eles gostariam de conversar com a sua filha para lhe propor um lugar subsidiado.

Jess deu por si a repetir:

– Um lugar subsidiado?

– Para certas crianças com capacidades excepcionais, o St. Anne assume uma parte significativa das despesas escolares. O que significa

que a Tanzie receberia uma educação de primeira classe. Ela tem uma capacidade extraordinária para os números, Mrs. Thomas. Eu acho sinceramente que esta seria uma excelente oportunidade para ela.

– O St. Anne? Mas... ela teria de apanhar um autocarro para o outro lado da cidade. E iria precisar de uniforme e de todo o outro equipamento. E... e não ia conhecer lá ninguém.

– Ela poderia fazer novos amigos. Mas isso são pormenores, Mrs. Thomas. Vamos esperar e ver o que o colégio propõe. A Tanzie é uma menina extraordinariamente talentosa. – O professor fez uma pausa e, ao perceber que Jess não ia dizer nada, disse, baixando a voz: – Eu ensino Matemática há quase vinte e dois anos, Mrs. Thomas. E nunca vi um aluno com a capacidade para compreender conceitos matemáticos como a Tanzie. Acredito até que ela está a chegar ao ponto em que eu já não tenho nada mais para lhe ensinar. Algoritmos, probabilidades, números primos...

– Está bem, Mr. Tsvangarai, aí eu já me perco. Fico-me pelo dotada e talentosa.

Ele soltou uma risada.

– Eu volto a contactá-la.

Jess desligou o telemóvel e sentou-se pesadamente na cadeira branca de plástico que já ali estava no jardim quando eles tinham vindo morar para esta casa e que agora tinha adquirido uma fina camada de musgo esmeralda. Fitou o horizonte, olhou para as cortinas da janela, que Marty sempre achara demasiado berrantes, para o triciclo de plástico vermelho que ela nunca tivera coragem de deitar fora, para as beatas do vizinho espalhadas como confetis pelo chão, para as tábuas podres da cerca por onde o cão insistia em meter a cabeça. Apesar do otimismo francamente disparatado que Nathalie lhe atribuíra, Jess deu por si com os olhos inesperadamente marejados de lágrimas.

O facto de o pai dos nossos filhos se ir embora acarretava várias consequências terríveis: problemas financeiros, a obrigação de refrear a raiva para bem dos filhos, o facto de as nossas amigas casadas começarem a tratar-nos como uma espécie de potenciais ladras de maridos. Mas, pior do que tudo isso, pior do que a interminável, implacável e completamente esgotante batalha destruidora

das finanças e da energia, era que ser uma mãe por conta própria e totalmente impreparada a fazia sentir-se a pessoa mais solitária do mundo.